

TEVE UMA ARMA APONTADA À CARA, PASSOU TRÊS DIAS À ESPERA DE BOLEIA NUM CRUZAMENTO PERDIDO NO MEIO DO CONGO E LEVOU UMA BOFETADA DE UM GUARDA FRONTEIRIÇO. APESAR DISSO, GONÇALO CADILHE, VIAJANTE PROFISSIONAL HÁ QUASE DUAS DÉCADAS, GARANTE: O MUNDO É FÁCIL.

GONÇALO CADILHE

VIAGEM DE VIDA E VOLTA

Coleccionar países nunca foi o seu objectivo. E se lhe perguntamos quantos já visitou, depois de apresentar uma série de motivos pelos quais essa forma de pôr as coisas não lhe faz sentido, apenas responde que não tem como propósito carimbar o passaporte nos que lhe faltam. Contas feitas por alto, Gonçalo Cadilhe já esteve em cerca de cem países – meio mundo, se puxarmos pelos números. Da restante metade, alguns dificilmente entrarão nessa lista. «Não é, definitivamente, uma preocupação minha ir ao Dubai, por exemplo. Prefiro, com o mesmo dinheiro, ir cinco vezes a Veneza.» Haverá algum país ao qual não queira regressar? «Não, mas há coisas que não tornaria a fazer, mais pelos projectos do que por lugares específicos.» Como a travessia do continente africano por terra, que originou o livro “África Acima” (2007, Oficina do Livro). «Apanhava boleia em camiões sem faróis e, quando anoitecia, tínhamos de dormir na berma. Depois, o pó: tenho uma fotografia em que estou completamente preto, ao fim de oito horas a viajar nas traseiras de um camião por aquelas estradas de terra batida. E na fronteira do Níger levei um estalo do polícia por estar a olhar para o lado. Ele ainda gritou comigo “Olha para a frente!”. E é isso que fazes: calas-te e olhas para a frente.» Ainda que se ria destas situações, não pretende voltar a passar por elas. «Já não tenho fôlego para isto», desabafa. E junta a essa série de peripécias a ocasião em que esteve três dias num cruzamento na cidade de Dolisie (Congo) à espera de boleia. «O camião já lá estava, mas não havia passageiros nem carga suficientes para pagar a viagem. Só arrancou quando encheu. Todos os dias às oito da manhã fazia o “briefing” da situação, “Ainda não é hoje...”. Claro que no dia em que chego às 8h30 ele já tinha partido. Foi um taxista que me ajudou: “Eu levo-o, ele pára ali para meter gasolina, depois passa por casa da mulher para ir buscar comida”. E lá o apanhámos.»

Na gaveta dos projectos por concretizar cabe muita coisa. A travessia da Ásia Central por terra é um dos sonhos em fila de espera. «Geórgia, Arménia, Uzbequistão e todas essas





▶ antigas repúblicas soviéticas... Imagino como serão os guardas de fronteira, talvez leve uma bofetada por ter o atacador da sapatilha desapertado», brinca. Mas não é isso que o demove. É mesmo o «como» e «quando»: «Já não viajo tanto para “onde o vento me leva” ou para onde me apetece no momento, mas por projectos: se o Fernão de Magalhães nunca andou pela Ásia Central, não tenho razão para lá ir quando estou a fazer a biografia dele.» Falta, portanto, um projecto que o justifique. «Ou então, um dia se calhar meto férias e faço a viagem» – ainda que a prioridade quando está de folga seja organizar memórias e fotografias ou pôr os e-mails em dia.

“GOSTAVA QUE ESTE LIVRO DESPOLETASSE AQUILO A QUE CHAMO VIAJAR COM OLHAR CRÍTICO – PARA O MUNDO E PARA NÓS.”

Combinámos a entrevista no restaurante de um hotel de Lisboa. Gonçalo Cadilhe olha com um ar desiludido para a chávina que a empregada lhe pôs na mesa. «É um café absolutamente banal, aguado», suspira. «Eu gosto da bica forte.» Hábito adquirido, talvez, nos dez anos que viveu em Itália. Ou no café do senhor Pinto, em Buarcos, onde volta sempre. «É um dos melhores sítios do mundo onde já tomei café: ele vê a pressão atmosférica para ajustar a máquina, está sempre a limpar os filtros, etc. E é junto ao mar, gosto de me sentar lá a olhar o infinito.»

Foi no mar de Buarcos que Gonçalo Cadilhe aprendeu a surfar, teria os seus doze anos. Nascido na Figueira da Foz, em 1968, o jornalista-viajante cresceu na contígua vila piscatória, onde ainda hoje vive – ou melhor, tem a sua base. Saudade é um sentimento que aprendeu a controlar ao longo de quase duas décadas em constante movimento. «Só são boas quando podemos “matá-las”, portanto só tenho saudades quando cá estou.»

Cedo começou a partir para outras paragens. Acabado de se formar em Gestão de Empresas pela Universidade Católica do Porto, em 1992, tentou um emprego convencional: gestor de marketing na Sogrape. Bastaram-lhe sete meses para perceber que não era isso que queria. Partiu para Itália, onde trabalhou como guitarrista na banda da cantautora Claudia Pastorino. Fez vindimas na região de Bordéus, foi operário num estaleiro naval em Lavagna (Génova), funcionário da estância de esqui de Madonna di Campiglio (Trento) e empregado de mesa num restaurante de Portofino. «Eram empregos de temporada. Estava três meses a ganhar dinheiro num país rico para depois passar oito meses a gastá-lo num país pobre.» Isto a par com a actividade de cronista. Até que chegou a altura de mudar de novo. «Se eu realmente queria investir na escrita, tinha de parar de perder tempo.» É então que se dedica aos relatos de viagem a tempo inteiro em jornais e revistas como o “Independente” ou a “Grande Reportagem”. Torna-se viajante profissional.

Em Dezembro de 2010 lançou “O Mundo É Fácil”, o seu oitavo livro, agora com uma filosofia diferente: em vez de partilhar as suas vivências, Cadilhe resolveu espicaçar o leitor para partir à descoberta do mundo, fornecendo-lhe dicas e ferramentas de quem já deu várias voltas ao globo. «Gostava que este livro despoletasse aquilo a que chamo viajar com olhar crítico – para o resto do mundo e para nós, porque a mais-valia de viajar é regressarmos melhores, com mais capacidade de contribuir, mais criatividade, mais discernimento sobre o País.» Neste verdadeiro «manual de aventuras», Cadilhe demonstra que «nunca foi tão fácil viajar como agora», abordando todos os aspectos envolvidos numa viagem: dos vistos e burocracias aos cuidados com alimentação e saúde, ou ainda

as regras de ouro para uma jornada sem percalços – como nunca ir comprar bilhete (ou saber horários) a uma estação de comboios ou autocarros com toda a bagagem atrás. «O melhor é ir no dia anterior, sem nada, para conhecer o sítio, saber onde se embarca, evitar estar no meio de toda aquela gente, com carteiristas à mistura.» E exemplifica com o dia em acabara de chegar a Trujillo, no Peru, em trânsito para o Equador. «Como não sabia quando partia o autocarro, não tinha ido a um hotel deixar as coisas. Trazia tudo comigo.» «Tudo» incluía máquina fotográfica, computador, cartão de crédito, passaporte e cerca de mil dólares em dinheiro. Apanhou um táxi e foi directamente para o terminal. «No momento em que entrei, aquilo começou a ser assaltado.» O taxista ficou no carro à espera, «com a prancha de surf e as coisas mais volumosas, mas a mochila (de que nunca me separo, outra regra básica) foi comigo» – a tal com «tudo». «Chega um dos assaltantes e dá um estalo a uma miúda que estava na bilheteira. Pensei tratar-se de uma cena entre um casal e fiquei a pensar se intervinha ou não.» É aí que o segundo assaltante o vê. «Topou-me a olhar e veio ter comigo, de pistola apontada e a berrar repetidamente “Não te armes em herói!”. Fui recuando em direcção à porta, a dizer que não, não me ia armar em herói, até que, às tantas, estava perto da rua. Ao aperceber-se disso, deixou-me.» Mal se apanhou do lado de fora, Gonçalo correu para o táxi, em pânico. «Eu só gritava “Eles têm uma arma!”. Nem percebi o que se tinha passado. Li no jornal no dia seguinte: foi um assalto ao cofre com o salário dos empregados, uns dois mil dólares...» Mal sabiam que o viajante português transportava consigo um «saque» bem mais valioso. Em situações como esta, aplica-se a velha máxima do senso comum: não perder a calma. Gonçalo Cadilhe acrescenta-lhe um sorriso, outra das suas regras de ouro: «Estás lá porque quiseste, ninguém te mandou. O mínimo que podes fazer, por respeito próprio, é sorrir e pensar que, quando voltares, são mais histórias para contar.»



s portugueses ainda viajam pouco?

Viajam pouco com um olhar curioso. Mas é uma questão de tempo: os anglo-saxónicos já o fazem há 60 anos, os franceses há 30, os espanhóis há 15. E agora estamos nós a começar a fazê-lo. Com “O Mundo É Fácil” não estou a inventar a roda. A curiosidade pelo mundo está a chegar a Portugal e o meu livro aproveita essa constatação.

Tem ideia de quantos países já visitou?

Essa pergunta é um pouco ingrata, por dois motivos: em primeiro, há lugares que merecem figurar na lista e não são países independentes. Vou à Ilha da Páscoa, mas se já fui ao Chile não conta. Ir ao Tahiti é como ir a Paris – é França, não conta. E o Havai também não, se eu já tiver os Estados Unidos na «lista». Por outro lado, gosto de respeitar a perspectiva da idade: se estive em Veneza com 20 anos, tens de visitá-la aos 40 para compreenderes o que mudou em ti (porque Veneza pouco mudou). Só assim se pode realmente estabelecer uma relação construtiva com a opção de viajar pela vida fora: reposicionando a nossa perspectiva. Além disso, viajo para conhecer pessoas. Vou uma vez ao Coliseu de Roma e está visto. Interessam-me mais as amizades que se constroem do que a “checklist”. Regresso muito aos lugares onde tenho amigos.

O mercado livreiro é dos poucos que ainda crescem. Sente isso nas vendas dos seus livros?

Sim, mas no meu caso relaciona-se com toda uma bola de neve à volta daquilo que faço: aparecer na televisão puxa a venda dos livros, que cria apetência para comprar uma revista que tem um artigo meu. E as viagens com a agência Nomad fomentam um interesse paralelo. Se me pergunta o que isso significa a nível financeiro, o meu editor costuma dizer que se eu fosse americano já tinha, pelo menos, três iates. Bem, não tenho iates, mas tenho três pranchas de surf... [risos]

Menos mal: longe vai o tempo em que teria de vender uma para comprar outra...

É verdade. Um dos grandes arrependimentos da minha vida é ter vendido a prancha em que aprendi a fazer surf. Mas se não a vendesse não conseguia comprar a segunda.

Além de surfista, é músico. Quando tem de optar entre a guitarra ou a prancha, qual costuma levar?

Depende do transporte. Se vou andar à boleia, nem uma nem outra. A questão não é a escolha mas cada vez mais o tempo. Na viagem do Fernão de Magalhães, com os dias contados, as crónicas para o “Expresso” e a “Blitz”, a marcação de hotéis, entrevistas, etc., não tive tempo para tocar nem para fazer surf. No entanto, quando fiz 40 anos parei um ano e meio para surfar.

Mas não esteve propriamente parado...

Pensei: «40 anos! Isto merece ser festejado.» Com uma viagem só para fazer surf, tocar guitarra, pensar na vida. Orientei tudo para estar doze meses em doze ondas, um mês para cada uma. Chegava ao sítio onde a onda quebra, alugava um quarto aos pescadores, ficava umas três semanas até ser altura de partir para a próxima, com a guitarra e a prancha.

“O MEU EDITOR DIZ QUE SE EU FOSSE AMERICANO JÁ TINHA TRÊS IATES. BEM, TENHO TRÊS PRANCHAS DE SURF...”

Que planos tem para 2011?

Fazer um ano de pausa dos grandes projectos. Não vou fazer nenhuma viagem longa. Tenho as viagens com a agência Nomad, um ou outro livro, várias crónicas. Mas em 2012 quero avançar com um grande projecto, desses que englobam tudo: livro, crónicas, televisão. Preciso de prepará-lo, é um projecto tão bom que pode ser muito bem aproveitado. Quando faço um programa para a RTP2, o nível de esforço e responsabilidade é enorme. No entanto, fico com a sensação de que é glória a nível financeiro, de audiências, etc. Tenho de pensar se não quero dar um passo mais consistente.



DATAS.

1968. Gonçalo Luís Vergueiro Ribeiro Cadilhe nasce a 24 de Maio, na Figueira da Foz.

1992. Termina o curso de Gestão de Empresas na Universidade Católica do Porto. Começa a trabalhar como gestor de marketing.

1993. Despede-se e começa a viajar, aceitando trabalhos temporários para juntar dinheiro: músico, vindimador, operário de estaleiro naval, funcionário numa estância de esqui, empregado de mesa. Pelo meio, publica relatos de viagem em revistas portuguesas.

1996. Dedicar-se em exclusivo à escrita, colaborando em títulos como "Grande Reportagem", "Independente" e "Elle".

2002. Inicia uma volta ao mundo por terra e mar, contada em crónicas semanais no "Expresso" e depois no livro "Planisfério Pessoal" (2005). Seguem-se "No Princípio Estava o Mar", "A Lua Pode Esperar" (2006) e "África Acima" (2007).

2007. Com "Nos Passos de Magalhães", volta a «circum-navegar» o globo, narrando a vida e as viagens do navegador português num livro e num documentário para a RTP2. Um ano depois, nova volta ao mundo, desta vez para celebrar o seu 40º aniversário: «doze meses, doze ondas» é o mote para uma "surf trip" contada no livro "1 Km de Cada Vez" (2009).

2010. Dupla colaboração com a RTP2 ("Nos Passos de Fernão Mendes Pinto" e "Geografia das Amizades") e novo livro, "O Mundo É Fácil", apostado em seduzir o leitor a partir à aventura.

EM DISCURSO DIRECTO.

SE JÁ FIZ A VIAGEM DA MINHA VIDA? A VIAGEM É A VIDA.

Pode parecer estranho, mas tenho uma vida muito stressante e preenchida: sempre com prazos de entrega, responsabilidades, compromissos. Às vezes gostava de ser o comandante do cargueiro, que vai do Panamá à Nova Zelândia e, durante aqueles 28 dias, pode contemplar o mar, pensar, ler, escrever romances, ouvir música, olhar o pôr-do-sol...

Continuamos a achar que a melhor comida do mundo é portuguesa. Será para um português, mas não para um chinês. Estas afirmações categóricas têm de ser desconstruídas. O português tem de viajar e saber realmente de que está a falar.

Quando comecei não tinha a ideia de coleccionar países. Apenas pensava: «Tenho dinheiro, tempo livre, vou fazer esta viagem». Nem ia com a certeza de que podia fazer vida disto.

Vinte anos depois, posso dizer que «o mundo é fácil», excepto nos sítios onde é difícil. Não aconselho ninguém a ir para o Iraque. O título mais correcto deste meu novo livro seria “Viajar Pelo

Mundo É Fácil”. Depende essencialmente de uma regra básica: «Onde estiveres, faz como vês fazer». Se andares por onde as outras pessoas andam e fizeres como elas fazem, sim, o mundo é fácil.

Quando regresso, há uma continuidade. Uma viagem só se conclui, só ganha o seu significado quando volto a casa e a publico – em livro, em revista ou na televisão. É aí que atinge o seu propósito.

As saudades só são boas quando podemos «matá-las». Portanto, só tenho saudades quando cá estou. Se não, ando a viajar e parte de mim fica atrás, estou dividido.

Viajar aprende-se. Quando digo que não nascemos viajantes não é apenas fazer a mochila e comprar um bilhete de avião. É lidar bem com isso. Ao longo destes 20 anos de viajante, desprogramei-me e reprogamei-me várias vezes.

A vida é curta e é-nos dado um certo número de experiências para viver e outras que ficarão de fora. Há muitos sítios

onde gostaria de ir e não sei se alguma vez irei. Mas esqueçamos a minha profissão: ponhamo-nos no papel do cidadão normal, que gostaria de ir a muitos sítios, no entanto é pouco provável que consiga visitá-los todos.

Não tenho a pretensão de ser jovem para sempre. A idade vai avançando e vou ajustando as expectativas. Não estou num emprego de carreira. Nem espero chegar a lado nenhum.

Uma vida que deve ser muito bonita – num sentido romântico – é a de músico de rua, tocar pela Europa fora. Não me importaria de um dia ter feito essa experiência. Mas acho que se perdeu um mediano músico de rua e ganhou-se um cronista de viagem... com algum valor.

De um modo geral, não me sinto nada jovem. Quando faço surf compreendo como estou a envelhecer, mas ainda sinto que tenho tudo em aberto. Continuo a ser um homem muito livre, tal como quando tinha 25 anos. Ainda tenho poder de decisão sobre 90% daquilo que um dia poderei vir a ser. ●

